



1999

Janeiro No dia 13, o governo faz uma desastrada tentativa de promover uma desvalorização controlada do real, simultaneamente à saída de Gustavo Franco da presidência do Banco Central, substituído por **Francisco Lopes**, que era o diretor de Política Monetária. Um início de corrida bancária cria o medo de um calote na dívida pública, e o Banco Central é envolvido em acusações de ter beneficiado duas instituições financeiras, os bancos Marka e Fonte Cindam. O dólar, que era cotado a R\$ 1,21 antes da desvalorização, chega R\$ 1,98 no dia 29 de janeiro. A desvalorização foi causada por uma inexorável perda de reservas internacionais, na esteira de uma intensa fuga de capitais. Em abril de 1998, as reservas estavam em US\$ 73,8 bilhões, caindo para US\$ 35 bilhões em janeiro, mas que correspondiam, na sua maior parte, ao aporte de recursos do FMI (que não pode ser usado para intervir no mercado cambial)

Marco

Arminio Fraga assume a presidência do Banco Central, e eleva a taxa de juros básica de 21% para 45%. O ingresso de Fraga na equipe econômica, vindo da empresa de fundos de "hedge" do magnate George Soros, em Nova York, é bem recebido pelos mercados e criticado pela oposição. Depois de atingir um pico de R\$ 2,17 em 2 de março, o real se valoriza e passa vários meses acima de R\$ 1,85 por dólar



Marco O programa do FMI com o Brasil é revisado, levando em consideração a mudança do regime de câmbio. O acordo visa a conter o explosivo crescimento da dívida líquida do setor público consolidado, como proporção do PIB, que saiu de 30% no início de governo para quase 50% no final de 99. O objetivo de reduzi-la gradativamente para 46,5% do PIB não é atingido, apesar de o Brasil cumprir com folga as metas de superávit primário, que atinge 3,3% do PIB em 99, 3,5% em 2000, 3,7% em 2001 e deve chegar a 3,9% em 2002, comparado com resultados perto de zero no primeiro mandato

Junho O sistema de metas de inflação é introduzido, como forma de "ancorar" as expectativas inflacionárias depois do abandono da chamada "âncora" cambial. São estabelecidas metas de 8%, 6% e 4% para os anos de, respectivamente, 1999, 2000 e 2001, com margem de erro de 2 pontos percentuais para mais e para menos

Segundo semestre O dólar volta a subir, atingindo US\$ 1,98 em 30 de novembro, fechando o ano em US\$ 1,95. Os investimentos externos diretos atingem US\$ 27,6 bilhões

Dezembro O IPCA fecha o ano em 8,9%, próximo à meta de 8%, e confortavelmente dentro da margem de erro de 2 pontos percentuais. O PIB cresce apenas 0,81% em 1999, depois de ter quase parado (0,13%) em 98. Os resultados da inflação e do PIB em 99, porém, são muito melhores que as previsões catastróficas feitas em janeiro, mês da desvalorização, pelos analistas de Wall Street e muitos economistas brasileiros. O prestígio de Fraga cresce, e o governo Fernando Henrique inicia um dos seus melhores anos

O SEGUNDO GOVERNO (1999/2002)

2000

O governo lança o seu segundo plano plurianual de investimentos, o Avança Brasil, cobrindo o período 2000-2003. O plano introduziu novos padrões de gestão pública de investimentos, mas foi atingido pelo forte ajuste fiscal do segundo mandato

Marco a dezembro No dia 23 de março, o dólar cai a R\$ 1,72, o nível mais baixo desde maio de 1999. Ao longo do ano, a moeda americana atinge uma máxima de R\$ 1,98 em 30 de novembro. O BC corta gradualmente a Selic, que fecha 2000 em 15,75%

Maio É aprovada a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), a peça mais célebre e provavelmente uma das mais importantes do ajuste fiscal realizado por Fernando Henrique Cardoso em seu segundo mandato. A lei institucionalizou vários aspectos do ajuste fiscal, como punições para prefeitos, governadores e presidentes que descumprirem os limites de gastos com pessoal



Agosto O governo vende 28,46% do capital de controle da Petrobras no mercado interno e externo, sem perder o controle da estatal, e arrecada R\$ 7,26 bilhões. Pela primeira vez, recursos do FGTS são usados por seus titulares para comprar ações, em um total de R\$ 1,6 bilhão. A operação é um sucesso e, no final de agosto, a valorização dos fundos da Petrobras atingia quase 60%



Novembro O Banespa é privatizado, sendo arrematado pelo Santander por R\$ 7 bilhões (US\$ 3,6 bilhões ao câmbio da época), por um valor muito acima do preço mínimo e muito maior do que as expectativas do mercado. A privatização contribui para que os investimentos externos diretos em 2000 atinjam o seu recorde histórico, de mais de US\$ 30 bilhões. A entrada destes recursos mais do que financia o déficit em conta corrente, que fecha o ano em US\$ 24,7 bilhões, ou 4,13% do PIB. Apesar do ano bem-sucedido, o déficit em conta corrente acima de 4% do PIB e o déficit comercial de US\$ 700 milhões permanecem como sinais da "vulnerabilidade externa" do Brasil



Dezembro O ano fecha com um IPCA de 6%, precisamente a meta do Banco Central, e crescimento econômico de 4,36% (o maior do governo Fernando Henrique). O déficit comercial é de US\$ 700 milhões

DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO
União, Estados e municípios, em % do PIB

2001

Janeiro Contagiado pela maré de otimismo, o BC baixa a Selic para 15,25%, o nível mais baixo de todo o governo Fernando Henrique

Marco Naufraga a plataforma de petróleo P-36, a maior e mais moderna do mundo, com produção de 90 mil barris por dia, e prevista para atingir 180 mil. A plataforma, com valor de US\$ 500 milhões, ficava no Campo de Roncador, na Bacia de Campos

Abri/mayo O País acorda para a iminência de uma gravíssima crise energética, provocada por investimentos insuficientes, por uma privatização parcial e mal executada e por uma seca inesperadamente forte no Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste. É criada a Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica (CGCE), para planejar e executar o racionamento de energia

Junho Sob o comando de **Pedro Parente**, presidente da CGCE, começa o racionamento de energia, visando a um corte de 20% no consumo do Nordeste, Centro-Oeste e Sudoeste. No dia 20, o BC eleva a Selic para 18,25%

Primeiro semestre As expectativas econômicas se deterioram drasticamente. A perspectiva de racionamento derruba as projeções de crescimento econômico e levanta as de inflação. O dólar também dispara, para perto de R\$ 2,50. Ainda no primeiro semestre, a situação argentina começa a se agravar, contagiando o Brasil. E, para completar, a economia americana ameaça entrar em recessão

Julho O risco Argentina, medido pelo J.P. Morgan, começa a disparar, ultrapassando o nível de 1.600 pontos

Julho a setembro O Brasil sofre o auge do contágio da crise argentina, com o dólar atingindo R\$ 2,84 em setembro. O risco Brasil ultrapassa os 1.100 pontos

Agosto A equipe econômica brasileira fecha em tempo recorde um novo acordo com o FMI. O acerto prevê desembolsos de US\$ 15 bilhões, e estende-se até o final de 2002

Setembro A balança comercial brasileira inicia uma virada, com um saldo comercial superior a US\$ 400 milhões em uma semana. O BC inicia uma estratégia pesada de intervenção no mercado de câmbio pela colocação de títulos e "swaps" atrelados ao dólar, num total de US\$ 20 bilhões

Outubro O Brasil se descola do risco argentino, e o dólar começa a cair fortemente, em uma nova onda de otimismo

Dezembro A Argentina entra em colapso, com o semicongelamento dos ativos bancários (corralito), a queda do presidente Fernando de la Rúa e a moratória da dívida pública do país

O Brasil encerra um ano extremamente difícil em um clima relativamente positivo. O IPCA atingiu 7,7%, acima do teto da meta de 6%. O BC se justifica alegando que não faria sentido jogar a economia em recessão para combater os efeitos imediatos de "choques de oferta", como a crise energética e a alta do dólar, que elevam preços sem que a demanda por bens e serviços esteja pressionada. O crescimento econômico fica em apenas 1,51%, e o superávit comercial em US\$ 2,6 bilhões

2002

Janeiro São liberados o preço e a importação dos combustíveis

Janeiro a abril O País vive uma fase de otimismo, reforçada pelo fim do racionamento em fevereiro. Neste período, o dólar cai até R\$ 2,27, e o risco Brasil fica entre 700 e 800 pontos

Abri e maio O dólar volta a subir, e ultrapassa R\$ 2,50 no fim de maio. Títulos pós-fixados do governo, as LFTs, começam a ser negociadas com algum deságio, refletindo o excesso de papéis colocados no ano anterior e as incertezas sobre o pagamento da dívida pública no novo governo

Maio No dia 29, o Banco Central anuncia que, a partir do dia 30, os fundos mútuos de renda fixa terão de fazer "a marcação a mercado", isto é, a correção diária das suas cotas de acordo com o valor que os títulos têm no mercado secundário. Isso leva os fundos a registrarem imediatamente as perdas já incorridas por causa do deságio das LFTs, e causa um grande susto na classe média. O dólar dispara e o setor de fundos só se recupera com medidas do governo tomadas em agosto

Junho a setembro A turbulência se agrava. Do lado externo, a economia americana recomeça a ratear, prejudicada pelos escândalos corporativos, como os da Enron e WorldCom. Os mercados reagem mal ao favoritismo da oposição nas pesquisas eleitorais, preocupados com a fragilidade externa e fiscal da economia. No fim de julho, a dívida pública, impulsionada pelos títulos cambiais, ultrapassa 60% do PIB. No mesmo mês, o dólar chega a R\$ 3,47 e o risco Brasil a 2.390 pontos

6 de setembro O FMI e o Brasil fecham um novo acordo, que garante um aporte de US\$ 30 bilhões até o fim de 2003, desde que o País continue a cumprir as metas fiscais. O superávit primário acertado é de 3,75% do PIB. Todos os candidatos à Presidência se comprometem a respeitar o acordo com o FMI. O BC desiste de rolar integralmente a dívida cambial

Setembro Nas semanas que antecedem o primeiro turno, e entre este e o segundo, os mercados financeiros oscilam entre momentos de grande nervosismo e algumas pausas para respirar. O dólar bate em R\$ 4 e o risco Brasil ultrapassa 2.400 pontos. O BC aumenta compulsoriamente, limita a compra de dólares, vende a moeda americana, leiloa linhas de crédito e sobe a Selic de 18% para 21%, por causa da inflação em alta. Analistas estrangeiros colocam em dúvida a solvência do Brasil. A balança comercial tem uma fortíssima virada, com o superávit anualizado superando US\$ 10 bilhões, e uma drástica redução do déficit em conta corrente. Nos últimos dias antes do segundo turno, uma onda de otimismo derruba o dólar para R\$ 3,73 e o risco Brasil para 1.779. O Índice Bovespa sobe quase 20%. A principal causa são os primeiros sinais de que o PT de Luiz Inácio Lula da Silva – virtualmente eleito, segundo as pesquisas eleitorais – terá uma política econômica favorável aos mercados

Text: Fernando Dantas
Coordenação: Rosangela Dolis
Arte: Gisele Oliveira

64